



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

ANO 2021

NOVEMBRO

Nº 388

LANÇAMENTO DE LIVRO - Cel MALAN, Vice-presidente da AHIMTB/RS

Ao falecer, em 1982, o Gen Alfredo Souto Malan nos deixou delineada uma das principais obras de sua autoria - Etapas da minha caminhada. E agora, ainda oportunamente, depois de reunir muitos outros e diversos dados, o filho - Cel Eng EM Carlos José Sampaio Malan, finaliza e nos oferece esta valiosa obra.

No livro está a biografia do General Malan, plena de ensinamentos, de evidente dedicação à Pátria e ao Exército Brasileiro. E também, de forma muito especial, à sua família. Aliás, família de militares, destacando-se o Gen Alfredo Malan d'Angrogne, pai do biografado e avô do autor.

Seria desnecessário falar aqui deste general, posto que o autor aborda com muita propriedade as contribuições do mesmo ao país e ao Exército.

Através deste livro será possível ter uma ideia bem aproximada do período em que viveu o biografado, seus processos históricos, suas circunstâncias, suas conjunturas, ao longo dos 74 anos bem vividos e inteiramente dedicados aos valores fundamentais de nação, família, cidadania e profissão.

Egresso da Escola Militar do Realengo em 1929, Malan testemunhou uma das fases mais relevantes da História - a Revolução de 1930. E depois dela, as que se seguiram. O biografado, como se pode constatar da leitura do texto, manteve-se sempre dentro dos mais altos desígnios que lhe foram confiados pelos seus antepassados.

Brilhante carreira militar que começou no Realengo e foi concluída com mais brilhantismo ainda como Chefe do Estado-Maior do Exército, depois de passar pelo relevante cargo de Comandante do então IV Exército, Recife, hoje Comando Militar do Nordeste.

Trabalho profícuo o do filho, Cel Malan, em revisitar e publicar de forma indelével a vida do pai.

Muito se pode assimilar e apreender através não só da simples leitura mas, principalmente, do exame acurado do que foi a existência do insigne biografado - o General Alfredo Souto Malan.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM - Presidente da AHIMTB/RS (Fonte: Texto das abas da capa)

Referência: MALAN, Carlos José Sampaio, Coronel. Etapas da Minha Caminhada. Porto Alegre: Renascença, 2021.
E-mail: cjsmalan@gmail.com

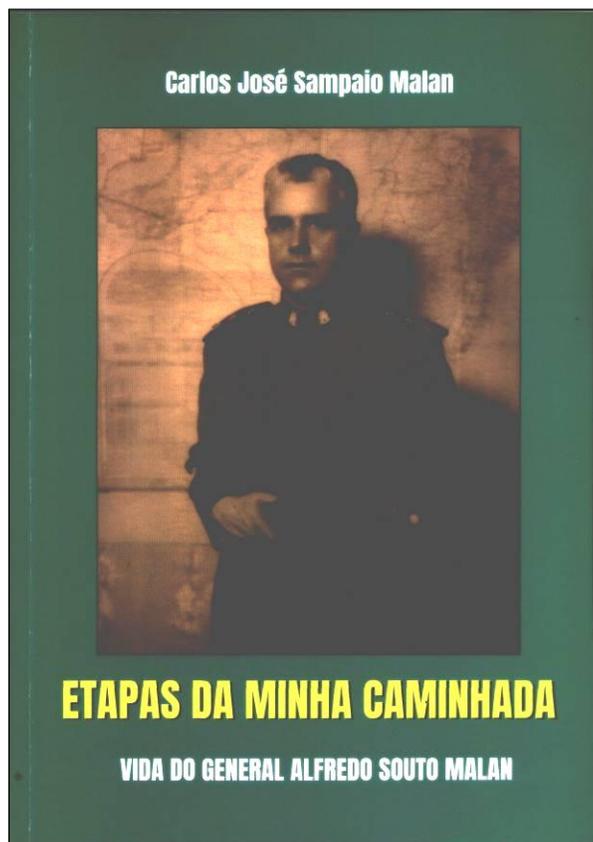


Imagem da Sessão de Autógrafos:
Gen Etchegoyen e o autor Cel Malan.



CARICATURAS BÉLICAS: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NAS CHARGES DE BELMONTE

Willian Spengler**

“Carga”! Ou, no original, “Charge!”.
Quando esse brado era ouvido nos campos de batalha, rugiam as bocas de fogo da artilharia, que, entre estrondos e clarões, criavam grande confusão nas fileiras adversárias. Conforme comenta Romeu Martins, “a expressão bélica foi tomada emprestada pelo mais combativo exemplo da união entre texto e desenhos”, que, quando bem empregado, faz tanto estrago quanto os canhões e obuses artilheiros. E qual a relação entre a Segunda Guerra Mundial e o universo das charges?

Nos idos de 1943, a Alemanha nazista começava a viver seus estertores: o grande esforço da “construção” do Reich de mil



Fig. 1 – No Reino da Confusão. BELMONTE. São Paulo: Folha da Manhã, 1939.

anos caía por terra, com o malogro da *Unternehmen Barbarossa*. Não obstante, os principais líderes alemães preocupavam-se em cuidar da sua “imagem” diante do mundo. Foi nessa cadência que Paul Joseph Goebbels, ministro da Propaganda da Alemanha nazista, levou para uma de suas famosas alocações pela Rádio de Berlim um maço de caricaturas. E destilou toda a sua verve pelo microfone contra aquele cartunista: ***“Ele ataca o nazismo porque é muito bem pago pelos ingleses e norte-americanos!”***.

Não se tratava de nenhum famoso artista europeu ou estadunidense, mas surpreendentemente de um brasileiro, mais precisamente um paulistano, chamado Benedito, que ocupava as horas de seus dias desenhando charges sobre a evolução do conflito mundial desde as suas preliminares até seu desfecho final, nos jornais *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*. Benedito Carneiro Bastos Barreto ou simplesmente Belmonte (1896-1947), do Brasil lançou carga contra as principais figuras envolvidas na Segunda Guerra, revelando-se um verdadeiro artilheiro das tintas e dos papéis.

Antes de desenhar sobre os acontecimentos internacionais a partir de 1936, Belmonte caiu no gosto popular pela criação, em 1925, de seu mais famoso personagem: José da Silva Pato, ou melhor, *Juca Pato*, que hodiernamente dá nome ao troféu que a União Brasileira de Escritores atribui anualmente. Nos dizeres de Sandra Scovenna, *“Juca Pato, personagem rabugento, queixoso e amargurado, vivia cansado de ser espoliado pelos grandes monopólios que controlavam os serviços públicos da sua cidade e pelos poderes governamentais”*.

Apresentado como homem careca, de meia idade, baixo, sempre vestido de fraque, Juca Pato expressava, nos dizeres do Prof. Marcos Antônio Silva, *“permanentemente suas desconfianças, discordâncias e indignações. A roupa tão formal não indicava a riqueza, antes podia servir para encobrir, através das abas do fraque, eventuais remendos nos fundos das calças”*.

Notoriamente antifascista desde, pelo menos, a ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha, em 1933, o brasileiro Benedito alcançou fama internacional com a eclosão da Segunda Grande Guerra.

“Mussolini, Hitler, Hiroito, Churchill, Roosevelt e Stalin tornaram-se, sob a pena de Belmonte, personagens tragicômicos de charges inesquecíveis. E elas circularam por parte considerável do mundo ocidental: revistas como ABC (Portugal), Le Rire (França), Judge (EUA) e Caras y Caretas (Argentina) reproduziram as charges de Belmonte, impressas primeiramente na *Folha da Noite*” (SCOVENNA, 2009).

Conta-se que o embaixador do Japão no Brasil prestou queixa contra as citações ao imperador de seu país, afinal os japoneses tinham Hiroito como um semideus. Goebbels, como mencionado, urrou contra ele. Belmonte, com tirocínio ímpar, agradeceu ao homem do marketing nazista, publicando na *Folha da Noite*, em fevereiro de 1943, uma charge em que Juca Pato aparece agradecendo a um histérico Goebbels, com a seguinte nota:

Obrigado, Dr. Goebbels!

A rádio de Berlim, a famosa D.N.B, onde pontifica o não menos famoso dr. Josef Goebbels, ministro da Propaganda, tem como norma indeclinável falar mal de personalidades muito importantes – Roosevelt, Churchill, Stálin, Eden, Getúlio, Aranha, enfim, de todos os estadistas que não concordam com a violência nazista, nem com o seu desesperado “lebensraun”. Enquanto a ofensiva aérea do marechal Goering vai de mal a pior e a ofensiva terrestre do chanceler Hitler está sendo desencadeada em vice-versa, o dr. Goebbels faz questão de manter em dia a ofensiva radiofônica, atacando por todos os lados, numa verborragia de melhor sorte.

Ainda há poucos dias, a famosa emissora do dr. Goebbels, num gesto que muito me honra, resolveu promover-me à personalidade importante e, numa de suas irradiações, mimoseu-me com uma porção de desaforos. Não sei se o dr. Goebbels teve conhecimento de minhas “charges” através das “Folha” ou via Estados Unidos, onde o “Saturday Evening Post” reproduziu duas, ainda há pouco. De qualquer forma, o sr. ministro da Propaganda do Reich, mandando a sua locutora agredir-me com vários desafo-

ros, fez de mim uma excelente propaganda em todo o mundo. Não posso pois deixar de consignar-lhe, aqui, os meus agradecimentos. Danke sher, doktor Goebbels!

A ironia belmontiana e suas charges incomodou muita gente, e não só estrangeiros. É sabido que a produção de humor gráfico no Brasil do Estado Novo (1937-1945) sofreu “sérios cerceamentos, expressos na censura pura e simples. Nesse contexto, a produção de Belmonte sofreu graves restrições da censura, que enquadravam Juca Pato no espaço do humor indesejável” (SILVA, 1995). Independente da censura, Juca Pato ainda tentou incomodar Getúlio Vargas e o Estado Novo, apregoando as mazelas do novo regime. Aliás, o cartunista Jaguar relata que no dia da instauração do Estado Novo, Belmonte publicou uma charge mostrando ao fundo a Estátua da Liberdade e em primeiro plano Juca Pato lendo um trecho da Constituição estadunidense. Outras se seguiram, cutucando a ditadura com vara curta até que o Departamento de Imprensa e Propaganda deu um “chega pra lá” e Belmonte foi obrigado a só fazer charges sobre política internacional.

Antes mesmo do início formal da Grande Guerra, Belmonte já publicava suas charges evidenciando o caminho para o qual o mundo estava seguindo. A Guerra Civil Espanhola foi tema de seu lápis em 1936, bem como a invasão da China pelo Japão, em 1937. Em 21 de março de 1939, Belmonte publica a charge intitulada *Gulliver em Liliput* (fig. 2), que, cronologicamente, é anterior à invasão alemã à Polônia.

Para essa obra, Belmonte encontrou inspiração no romance *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Na charge, Hitler aparece gigantesco (Gulliver) deitado sobre o mapa da Europa (Liliput), referência ao lugar povoado por habitantes minúsculos (Holanda, Alsácia, Suíça, Iugoslávia, Albânia, Romênia, Hungria, Turquia, Ucrânia, Tchecoslováquia, Polônia e Dinamarca) que Gulliver conseguiu alcançar a nado depois de naufragar. Interessante observar também que Hitler está esmagando a Tchecoslováquia com uma das mãos enquanto pisa no calo de Neville Chamberlain, primeiro-ministro britânico, e olha interessado para as outras nações européias, todas representadas na forma de minúsculas mulheres.

Na charge, Chamberlain, representado com seu inseparável guarda-chuva, faz um protesto tímido contra Hitler, mas este o ignora completamente: - *Eh! Moço! O Sr. está me pisando no callo!!!* A charge também é uma crítica à falta de atitude de Chamberlain contra as ações de Hitler

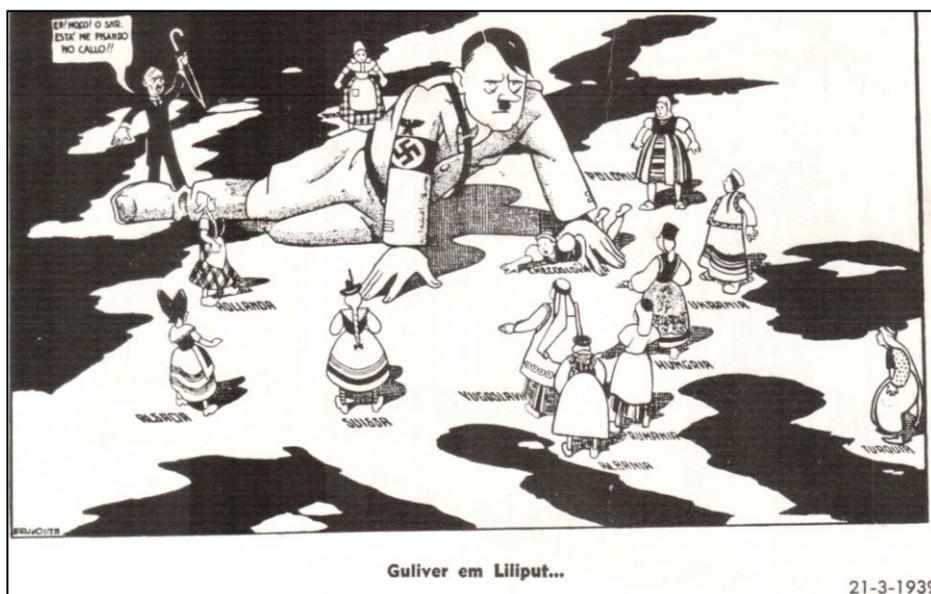


Fig. 2 – Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 23



Fig. 3 – Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 31

que, naquela época, já havia dissolvido o Estado da Tchecoslováquia, incorporando ao Reich a Boêmia e a Morávia, e lançava um olhar de cobiça em direção a outros países da Europa.

A imagem de 26 de agosto de 1939 (fig. 3) é emblemática. Publicado apenas três dias após a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop, também conhecido como *Pacto de*

Não-Agressão, entre URSS e Alemanha, Belmonte apresenta uma procissão composta por lideranças mundiais, com atributos anunciados em placas que apresentam uma total contradição em relação às práticas exercidas por esses líderes. Em primeiro plano é possível ver o rei inglês Jorge VI conduzindo uma placa com a saudação *God save de king!* seguida por um *Viva a Democracia!*, Stalin traz o letreiro com a frase *Viva o Hitlerismo!*, Hitler conduz um guarda-chuva num braço (associado ao primeiro-ministro britânico Chamberlain e sua “política de apaziguamento”) e o cartaz com a frase *Viva o Judeu!* e Mussolini ostenta a placa com a expressão *Viva o Comunismo!*. No fim da fila, o imperador japonês Hiroito fala em japonês com o general Francisco Franco, ditador espanhol simpatizante do nazifascismo, que nada entende. Precedendo o grupo, vê-se um gato branco abraçado com um rato cinza. O título/legenda da charge não poderia ser outro do que “*Lógica do absurdo...*”.

A exposição do avesso ou do contrário, o emprego do absurdo ou a quebra da lógica, são apenas algumas das muitas estratégias cômicas que Belmonte usa para desencadear o riso em seu leitor. Outra imagem que vai de encontro a essa idéia, também publicada em 1939, pela *Folha da Manhã*, é a capa do álbum de caricaturas do artista, cujo título era de *No Reino da Confusão* (fig 1). Nela, tal qual numa reunião de velhos amigos, é possível observar o britânico Chamberlain usando um medalhão com a suástica do NSDAP, Hitler portando uma braçadeira com a foice e o martelo comunista, Mussolini estampa seu uniforme com a flor-de-lis (um dos símbolos empregados pela monarquia inglesa), e por fim Stalin, ostentando a coroa e real e a braçadeira com os dizeres *God save the king*.

Conforme afirma o Prof. Marcos Silva, “esse exemplo coloca em discussão a fragilidade de argumentos ideológicos em relação a interesses da política mais palpável, demonstrando sua possível troca de acordo com valores momentâneos, mesmo que isso entre em contradição ou seja puramente incompreensível”. Ademais, a imagem caía como uma luva para o Brasil da época, que vivia uma ditadura para-fascista, interessada em fazer valer seus interesses, utilizando os arranjos que fossem necessários.

Em 09 de outubro de 1939, Belmonte apresenta sua visão acerca da Sociedade das Nações (fig. 4), organismo criado ao final da Primeira Grande Guerra, o qual teria como objetivo de arbitrar os conflitos entre as nações do mundo e empregar todos os esforços possíveis para a manutenção da paz mundial. Era a tentativa de se erradicar as mazelas vivenciadas pelos europeus no conflito de 1914-18.

Na prática, a Liga das Nações, como também foi chamada a Sociedade das Nações, não refletia em nada a situação política vivenciada naqueles tempos. Afinal de contas, outros acordos da mesma época serviram para aguçar as diferenças entre aqueles que venceram e os que perderam com a Grande Guerra.

A prova maior do fracasso desse organismo foi a própria ascensão dos regimes totalitários no continente europeu. Céticas em relação aos benefícios do liberalismo e da democracia, tais nações acreditavam que as humilhações vividas após a Primeira Guerra Mundial só seriam sanadas com o fortalecimento de suas forças militares e a conquista de novos



Fig.4 ⁵ Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 36

territórios. Além da inapetência frente à ocupação japonesa da Manchúria em 1931, à retomada militarista alemã promovida a partir de 1935, e à invasão dos territórios da Abissínia pelo governo italiano de Mussolini, no mesmo período, o colapso da Sociedade das Nações se deu com o desenvolvimento da Guerra Civil Espanhola (1936-39), momento em que italianos e nazistas apoiaram as forças do general Franco contra os defensores da democracia naquele país. Naquele instante, ficava claro que a Liga das Nações não teria competência alguma para evitar o revanchismo das nações totalitárias ou preservar a paz mundial.

Qual a ótica belmontiana sobre a inservibilidade da Liga das Nações? Uma jovem assustada, buscando abrigo numa toca de ratos, acreditando que a panela de pressão em ebulição que havia se transformado a Europa dos anos 30 fosse capaz de esfriar sozinha. Nota-se que o vestido da jovem é composto pelas bandeiras dos então países membros da Liga, todos coniventes para com o caminho bélico que se apresentava ao contexto mundial da época.

Belmonte também apontou seu afiado lápis para os Estados Unidos. Ainda em 1939, quando aquele país afirmava sua “neutralidade”, o artista publica uma imagem do Tio Sam flertando carinhosamente com uma bela dama, a guerra, com o título *Fascinação* (fig 5).

Em 15 de junho de 1940, o caricaturista publica a charge intitulada *Hamlet – To go or not to go? That is the question...* (fig 6), onde trata com ironia as ações do presidente estadunidense Franklin Delano Roosevelt. Importante relembrar que de 1939, quando do início do conflito na Europa, até 1941, os Estados Unidos mantiveram-se neutros, sendo que Roosevelt utilizaria sua influência para minimizar a agressão do Eixo. Roosevelt seguia a opção da população estadunidense pela não-interferência na guerra européia, elevando inclusive ao status de lei os Atos de Neutralidade que impediam os Estados Unidos de fornecer ajuda aos países beligerantes.

Aos poucos, porém, conseguiu dobrar o Congresso e a população, passando a enviar armas e suprimentos a Grã-Bretanha e Rússia, entre outros.

Na charge vemos um Roosevelt incorporando a figura do príncipe Hamlet, principal personagem da peça homônima de William Shakespeare. “Ser ou não ser, eis a questão” (*To be or not to be, that's the question*, no original), talvez a expressão mais famosa da tragédia shakespeariana, é um questionamento filosófico usado quando Hamlet tem a difícil decisão ética de por fim ou não à vida do próprio tio, que supunha ter assassinado seu pai, o rei, para casar-se com a rainha, sua mãe e, assim, assumir o trono. A questão que se



Fig. 5 – Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 35

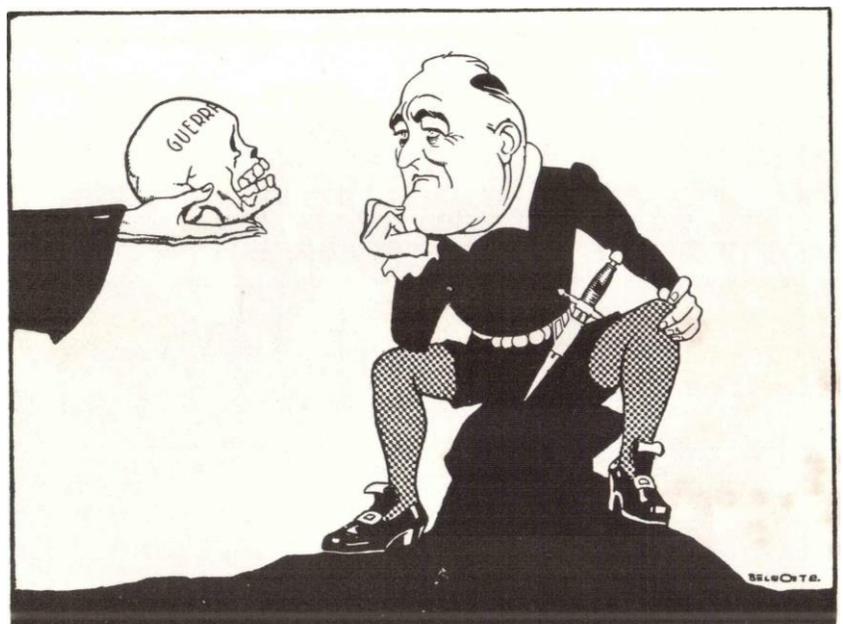


Fig. 6 – Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 43

coloca está na dimensão do que fazer com o punhal. Vingar ou não o pai é o dilema do príncipe, o drama da consciência.

Ir ou não ir, entrar ou não entrar na guerra? Eis a questão... Ao invés da caveira de Yorick, vemos a caveira da guerra, e Hamlet-Rossevelt se questionando sobre o que fazer. Neutro, mas financiando seus amigos europeus, observa que o avanço do Eixo vai se avolumando, sendo que o próximo passo seria a capitulação da França (como de fato ocorreria em 22/06/1940) e quiçá a investida em direção à Inglaterra. Em 1941, após o ataque a Pearl Harbor, a situação dos Estados Unidos se alteraria drasticamente. De acordo com o Prof. Osvaldo Coggiola, “até esse momento, a política americana com relação ao Japão era ambígua, e o mesmo pode-se dizer com relação à Alemanha hitlerista (o que desmente a visão ideológica retrospectiva de uma guerra da democracia contra o fascismo), isto ao ponto de Hitler ter como um de seus objetivos principais, já em plena guerra, a manutenção da neutralidade dos Estados Unidos”.

Como bem observado pela Prof. Marilda Queluz, “Belmonte coloca os personagens da guerra em outros textos, em cenas conhecidas, revestindo-os com trajes e falas de outras épocas e lugares, construindo alegorias, paródias, permitindo ao leitor comparações temporais, recheando as imagens de intertextualidade, citações e referências que pedem um público atento e com alguma erudição. O efeito de sentido criado parece ser o de sermos levados à cena da guerra, tendo em alguns casos, o personagem Juca Pato o papel de nos jogar no centro das decisões e articulações políticas” (QUELUZ, 2008).

Um bom exemplo é a charge publicada em 28 de agosto de 1942 – *O Brasil declarou guerra à Alemanha e Itália* (fig. 7), na qual vemos Juca Pato como soldado, fuzil em riste, baioneta na cintura, marchando à retaguarda de Getúlio Vargas. Na legenda, com o título “Agora, Nós!”, Juca Pato brada: “Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que vou!”. Ressalta Marcos Silva que, “a presença direta do ditador no desenho, no contexto de censura que se vivia à época, demonstra a aceitação pelos órgãos governamentais da imagem ali transmitida.

Vargas figura com expressão facial serena, peito erguido, como que marchando na frente do Juca Pato. Nesse sentido, ele parece corresponder plenamente a desejo do personagem, representando, no plano da política internacional, a vontade do povo e a nação que Juca Pato pretende condensar. Nesses termos, as homologias entre violências das ditaduras em guerra e a violência ditatorial interna cessam, configurando uma situação de ditadura consentida a partir de uma política internacional” (SILVA, 1995). Estaria Vargas sendo retratado como líder máximo que, pelo exemplo, deveria ser seguido por todos, ou aquele que estava conduzindo a nação para o destrutivo e irracional caminho da guerra? Com tantas charges ácidas sobre as agruras da guerra, Belmonte não estaria, nas entrelinhas, aproveitando a oportunidade para censurar as ações do caudilho do Estado Novo?

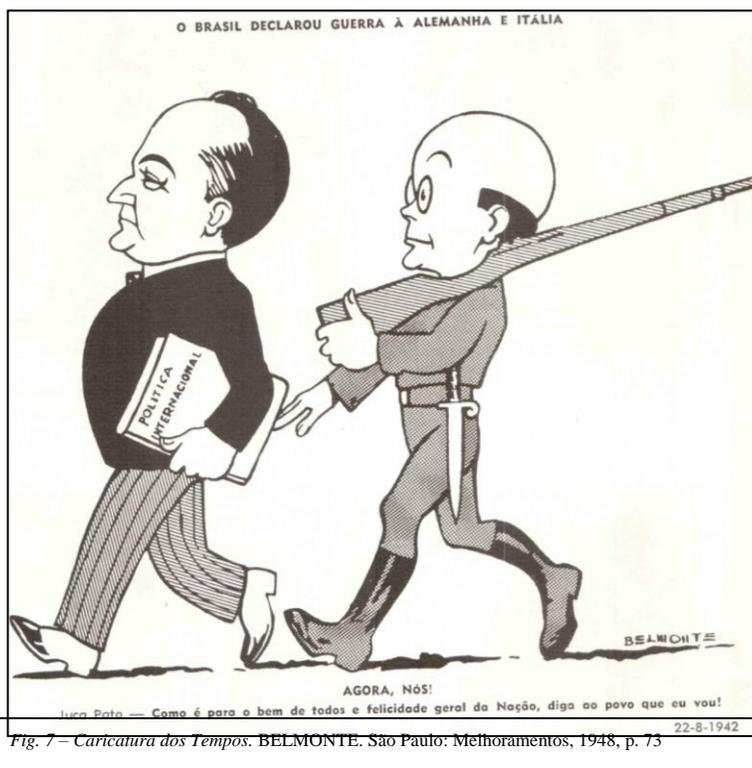


Fig. 7 – Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Methoramentos, 1948, p. 73

A derrocada do Eixo e o rolo compressor empreendido pelo Exército Vermelho, na Frente Leste, não passou despercebido pela sagacidade de Belmonte.

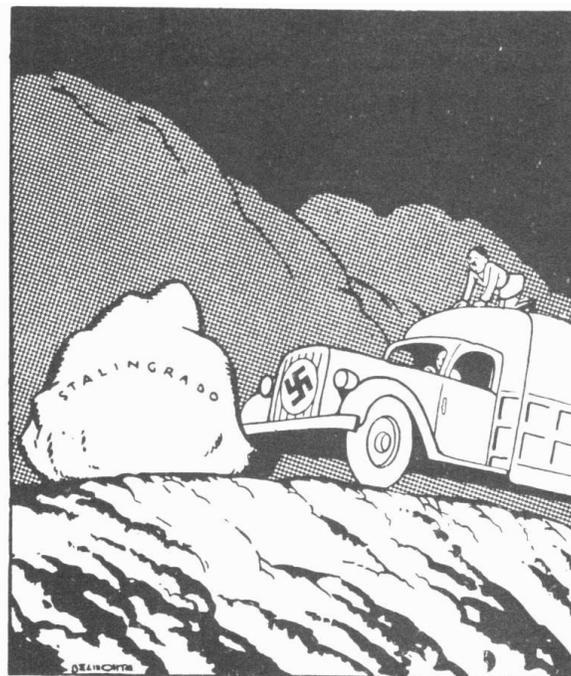
Ocorrida ente julho de 1942 e fevereiro de 1943, a Batalha de Stalingrado foi considerada um dos episódios mais sangrentos da Segunda Guerra Mundial (com 1,5 milhão de mortos) e um marco na história do conflito, pois é utilizada para assinalar o início da derrocada da Alemanha nazista e seu avanço não só no território russo, mas em toda Europa. Pela primeira vez, o exército alemão havia sofrido uma grave derrota, acabando com o mito da invencibilidade nazista.

Com o título de *Uma pedra na estrada* (fig 8), ainda antes do término da Batalha de Stalingrado, Belmonte, com sua incomparável síntese gráfica, traz ao leitor de forma precisa e concisa, o desenrolar da Frente Leste. Um Hitler espantado, do alto da carroceria de uma viatura nazista, observa incrédulo uma enorme rocha que bloqueia seu caminho. Que rocha era essa? Stalingrado.

A dominação soviética dos países libertados do jugo nazista pelo “rolo compressor vermelho”, também se transformou em humor sob a pena do artista brasileiro.

Na charge publicada em 05 de dezembro de 1944, é possível perceber Churchill, Roosevelt e Stalin observando a Europa do período final da guerra como um grande jogo de tabuleiro. Enquanto na França, Bélgica, Itália e Grécia, países onde os nazistas foram expulsos pelas forças lideradas pela Inglaterra/EUA, há conflitos; na Bulgária, Romênia, Lituânia, Letônia e Estônia, países libertados pelas forças soviéticas, reina a ordem e a disciplina. Roosevelt pergunta ao camarada Stalin - *Por que é que nos países libertados por você não há desordens?*, ao que o líder soviético responde prontamente: - *Segredos de Estado, meus amigos...* (fig 9). Ora, é sabido que de acordo com os territórios ocupados, os soviéticos implantavam governos socialistas, no Leste europeu, tornando-os seus homogêneos aliados.

Que outro artista zombeteiro imaginaria Hitler vestido como menina, brincando com suas bonecas e tendo seu comportamento “corrigido” pelo “menino Stalin”? Em 17 de janeiro de 1945, a *Folha da Noite* publica a imagem do Fuhrer completamente ridicularizada, grosseiramente feminizada, ostentando o marcante bigode, com cara de poucos amigos, que brinca com suas bonecas de faces assustadas: Áustria, Polônia, Tchecoslováquia e Hungria. Repreen-



Uma pedra na estrada

23-10-1942

Fig.8 - Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 77



— Por que é que nos países libertados por você não há desordens?
— Segredos de Estado, meus amigos...

5-12-1944

Fig.9 - Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 100

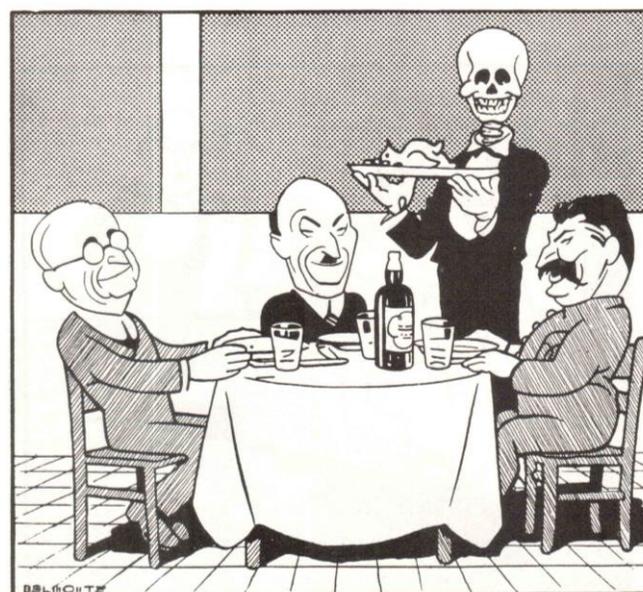
dendo a “Adolfinha”, temos um garoto, que ostenta um formoso bigode, já segurando duas bonecas com rostos alegres, Bulgária e Romênia: - *Chega, Adolfinha! Você já brincou muito tempo com as bonecas. Agora vou levá-las de volta...* (fig 10). Era a marcha só de ida, realizada pelo Exército Vermelho, em direção à Berlim, após a queda das forças armadas alemãs na Batalha de Stalingrado (a história se encarregaria, anos depois, de desmistificar a alegria dos países “liberados” pelas forças soviéticas, em face da assimilação do “socialismo real” por parte do Leste europeu).

Bonecos e homens vestidos de mulheres foram uma ferramenta usada algumas vezes pelo artista, notadamente com o objetivo de expressar a debilidade de alguém. Sandra Scovenna registra que “em épocas mais machistas e militaristas, como foram as primeiras décadas do século XX, o homem vestido com roupas femininas configurava-se numa alegoria provocativa e desabonadora para aquele representado dessa forma”. Era prática de Belmonte, até a primeira metade do conflito, retratar os países invadidos pela Alemanha como bonecas, cada qual com a sua roupa típica, e Hitler como o manipulador dos brinquedos. Os países vencidos ou na iminência de serem derrotados pelos nazistas, por vezes eram representados como belas jovens. Já na segunda metade da Segunda Guerra, Hitler será retratado com fragilidade, por vezes estampando o chiste e o ridículo.

O término do conflito também mereceu a atenção do chargista paulistano. O que poderia representar a esperança pela paz mundial, a busca pela fraternidade,



10-9-1946



17-9-1946

Fig.11 e 12 – Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 112

a colorida alegria dos “vencedores” e “libertados”, ganhou tons de cinza no traço de Belmonte, em um verdadeiro prelúdio do contexto histórico que estaria por vir, a bipolarização do mundo e a Guerra Fria.

É bom lembrar que as conferências de Yalta e Potsdam, realizadas em 1945, reuniram os vencedores da Segunda Guerra e redefiniram a organização geopolítica da Europa. Os “três grandes” (EUA, URSS e Grã-Bretanha) começaram a delinear nesses encontros a bipartição do espaço europeu em zonas de influência antagônicas. A conferência de Yalta realizou-se poucas se-



— *Chega, Adolfinha! Você já brincou muito com as bonecas. Agora eu vou levá-las de volta...* 17-1-1945

Fig.10 – Caricatura dos Tempos. BELMONTE. São Paulo: Melhoramentos, 1948, p. 109

manas antes da rendição alemã. Nesse encontro reorganizaram-se as fronteiras soviéticas (anexação dos Estados bálticos e inclusão de áreas pertencentes à Romênia e Polônia pela URSS) e foram estabelecidos os novos regimes políticos a serem implantados na Europa Oriental. A Conferência de Potsdam realizou-se em julho de 1945, onde o centro das discussões foi a organização da administração da Alemanha derrotada.

Nos meses seguintes às conferências, as relações entre as potências ocidentais e a URSS deterioraram-se progressivamente. A constituição dos novos governos de união nacional no Leste europeu acirrou as divergências em torno do grau de influência soviética sobre os novos regimes políticos. Na Alemanha ocupada, as políticas soviéticas, voltadas num primeiro momento para reformas sociais e econômicas na sua área de influência, agudizaram os conflitos com britânicos e estadunidenses. Era a largada da Guerra Fria.

Em desenho de 10 de setembro de 1946 (fig 11), Belmonte retrata Truman (que sucedeu Roosevelt no governo dos EUA) e Stalin conversando alegremente, sentados sobre caixas de explosivos, cada um com sua tocha incandescente a mão. Uma semana depois, a pomba da paz era servida como refeição, por uma bem vestida morte, a Truman, Clement Attlee (novo primeiro-ministro britânico) e Stalin (fig 12).

O mundo continuava um barril de pólvora prestes a explodir, mesmo após o absurdo da guerra total poucos meses antes. A paz tão almejada, era servida como tira-gosto aos “três grandes” pela própria morte, que continuava alegre com os rumos que o planeta tomava. Para Belmonte, o horizonte mundial continuaria sendo atormentado pelo fantasma de uma nova guerra, a esperança de paz era novamente a vitória do avesso. Pouco tempo depois, em abril de 1947, a tuberculose acabaria vitimando o mordaz cartunista.

Belmonte foi considerado por muitos como o maior chargista brasileiro. O título é justificado, pois poucos como ele conseguiram sintetizar, em um único desenho, tantas considerações e análises de um determinado fato ou situação. Utilizando-se do semblante do personagem retratado ou do ambiente em que se encontra, dos objetos que o rodeiam ou das manchetes de jornais que evocam o assunto, o autor condensa sua opinião e sua visão em um quadro de alguns centímetros quadrados e a apresenta ao leitor.

Suas críticas contra a bestialidade e belicosidade humana fomentada por governos e regimes autoritários (em especial o nazifascismo) e pela modernidade técnica são impressionantes. Por vezes, é difícil acreditar que suas charges foram realizadas no decorrer da Segunda Guerra Mundial, as quais na imensa maioria das vezes antevêm os rumos das batalhas e dos acontecimentos, e não somente em fins dos anos 1940. Um verdadeiro visionário. Dando sua contribuição para infernizar a vida dos nazifascistas, Belmonte envidou forças com as centenas de pracinhas brasileiros que ajudaram os Aliados a derrubar as forças do Eixo. Contribuição dada mesmo que só disparando seus incansáveis petardos metafóricos, que tantas inquietações provocaram.

Suas charges sobre a política internacional, nas décadas de 1930-40, possuem valor artístico e histórico e constituem inestimável fonte de pesquisas. Sobre essa produção, o cartunista Jaguar, um dos fundadores do *Pasquim* na década de 1960, escreveu em um prefácio para uma coletânea de Belmonte:

[...] Quantos livros teriam que ser escritos abrangendo a trajetória do nazismo que Belmonte nos transmite através do seu traço em algumas dezenas de charges? [...]

Muito da obra de Belmonte é de extrema atualidade, onde mudam apenas os personagens principais, mas o jogo do poder, envolvendo as diversas tendências políticas, continua quase o mesmo, permitindo a crítica e a ridicularização dos “figurões” que governam nosso castigado planeta. Mais do que um caricaturista, ele foi Belmonte.

**Professor/historiador militar vinculado à SED/SC, 1º Ten Inf R/2 EB

Referências:

- BELMONTE. Caricatura dos Tempos. São Paulo: Melhoramentos, 1948.
BELMONTE. No Reino da Confusão. São Paulo: Folha da Manhã, 1939.
CARVALL (org). Belmonte 100 anos. São Paulo: Senac, 1996.

